

**O PRIMEIRO OU O SEGUNDO?  
A RESPEITO DA EXPOSIÇÃO DE JOHN MILTON  
SOBRE A TEORIA DE TRADUÇÃO DE FRIEDRICH  
SCHLEIERMACHER**

Werner Heidermann  
UFSC

John Milton intitula um dos oito capítulos de seu livro “O Poder da Tradução” (Milton, 1993) “*Les Belles Infidèles* e a Tradição Alemã” (Milton, 1993: 49). O capítulo é publicado sem alterações na segunda edição (Milton, 1998: 55). O autor traça um amplo panorama, de Martinho Lutero até Walter Benjamin, menciona Wieland e Eschenburg, segue por Schlegel e Tieck até Herder e Humboldt. Muito apropriadamente, a abordagem sobre Friedrich Schleiermacher abrange um espaço considerável. Milton traduz uma passagem central de “Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens” (Sobre os Diversos Métodos de Traduzir), de Schleiermacher:

“A primeira tradução será perfeita quando for possível dizer que, tivesse o autor aprendido o alemão tão bem quanto o tradutor aprendeu o latim, aquele não teria escrito a obra que originariamente escreveu de maneira diferente da maneira por meio da qual o tradutor escreveu. Mas a segunda tradução, que não mostra o autor como ele mesmo teria traduzido, mas como um alemão teria originariamente escrito em alemão, não pode ter outro tipo de plenitude a não ser que seja possível certificar-se de que, se todos os leitores alemães pudessem

virar especialistas, o original em latim teria significado exatamente o mesmo que a tradução significa para eles agora – que o autor tornou-se um alemão” (Milton, 1993: 58).

Milton comenta:

“Embora no começo do ensaio, Schleiermacher não pareça dar preferência a nenhum dos dois tipos, posteriormente demonstra uma preferência definitiva pelo segundo tipo” (Milton, 1993: 58).

Quanto a isso, Milton se engana. A não ser que ele esteja se referindo ao parágrafo que precede a citação de Schleiermacher. Mas, por que, na paráfrase do trecho da página 218, a seqüência dos métodos está invertida?

“Na primeira, o tradutor deixa o leitor em paz e leva o autor até o leitor; em outras palavras, a tradução deveria parecer fluente na língua-alvo, nesse caso, o alemão. No segundo, o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele (...)” (Milton, 1993: 58).

O original diz o seguinte:

“Entweder der Uebersetzer läßt den Schriftsteller möglichst in Ruhe, und bewegt den Leser ihm entgegen; oder er läßt den Leser möglichst in Ruhe und bewegt den Schriftsteller ihm entgegen” (Schleiermacher, 1838: 218).

“O tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou o tradutor deixa o leitor em paz e leva o escritor em direção ao leitor”.

A confusão poderia ter sido evitada, se a seqüência do original tivesse sido mantida. Entre os erros e os acertos encontram-se os mal-entendidos. E, a abordagem que Milton faz das 30 páginas do texto de Schleiermacher deixa a desejar alguns esclarecimentos.

Schleiermacher apresenta as vantagens e as dificuldades de ambos os “métodos”, primeiramente dos mais orientados à obra original e depois daqueles métodos que consideram mais o leitor. Atualmente, seria mais conveniente falar de “máximas”, pois métodos pressupõem instruções práticas, que o trabalho de Schleiermacher não oferece. O texto não é um vade-mécum do tradutor, e sim uma reflexão filosófico-lingüística.

É atribuída mais ou menos a mesma atenção a ambas as máximas, respectivamente nove páginas. O estilo de Schleiermacher dificulta naturalmente a compreensão do seu discurso; no entanto, ainda assim é fácil atestar que, no final, ele dá preferência ao primeiro método. Num primeiro momento, Schleiermacher parece até considerar o segundo modo legítimo por causa de traduções isoladas bem sucedidas - “poderíamos comparar as excelentes tentativas que foram feitas conforme um e outro modo”/ “man könnte die ausgezeichnetsten Versuche, welche nach beiden Ansichten gemacht worden sind, vergleichen” - (Schleiermacher, 1838: 221), mas no final rejeita-o e polemiza contra ele - “a obra da lascívia e da petulância”/ “das Werk der Lüsterneid und des Uebermuthes” (p. 241).

Em seguida, tentarei demonstrar como Schleiermacher, radicalmente e com argumentos bem fundados, rejeita o segundo método de tradução. Antes, porém, eu gostaria de me referir ao seu estilo, que dificulta a compreensão e possibilita confusões como ilustra o caso de John Milton.

Friedrich Schleiermacher escreve e fala não no sentido restritamente científico, porém com todo o luxo retórico do incipiente século XIX. Ele se permite fazer digressões, quando lhe apraz, assim como julgamentos dos mais subjetivos. Ora uma polêmica, ora um aforismo, enfim, uma escolha de vocabulário

que, em geral, não visa a precisão lingüística, mas a vitalidade literária. Exemplos? Quando Schleiermacher fala sobre a língua vazia dos aristocratas e diplomatas (p. 236), ele não se restringe a uma análise simples; não resiste à tentação de divertir a si mesmo e seus ouvintes/leitores com as “pérolas e sutilezas em vários idiomas”/ “Süßigkeiten und Feinheiten in vielen Sprachen” (p. 236), isto é, com o discurso vazio. “Ridículo”/ “Lächerlich” (p. 210) e “quase nojento”/ “fast ekelhaft” (p. 221) são julgamentos, que Schleiermacher não hesita em fazer. “Nós falamos pouco demais e, proporcionalmente, jogamos muita conversa fora”/ “Wir reden zu wenig und plaudern verhältnismäßig zu viel” (p. 245) escreve ele no final do texto; avaliação, que permanece atual, mas com a qual não esperaríamos nos deparar num trabalho lingüístico. A escolha de vocabulário que ao final das contas facilita a leitura, às vezes dificulta a compreensão. Conjugam-se expressões como “violência da língua”/ “Gewalt der Sprache” (p. 214), “a força vital do indivíduo”/ “die lebendige Kraft des einzelnen” (p. 214), “espírito da língua”/ “Geist der Sprache” (p. 215), “o estado de espírito do falante”/ “Gemüth des redenden” (p. 215). Ao lado da compreensão de “gozo”/ “Genuß” (p. 218), trata-se também de “magia”/ “Zauber” (p. 225), de “milagre”/ “Wunder” (p. 225), de “enigma”/ “Räthsel” (p. 226). De tudo o que foi considerado obscuro naquela época (em 1813, ano em que Schleiermacher apresenta os métodos em forma de uma palestra), só a terminologia foi esclarecida até os nossos dias; basicamente se mantém a “irracionalidade”/ “Irrationalität” (p. 212). No texto de Schleiermacher (p. 234) pode-se encontrar também o recurso estilístico do paradoxo, típico da sua época - como na frase de Herder “já como animal o homem possui língua”/ “Schon als Tier hat der Mensch Sprache” (Herder, 1975: 5):

“Grotius und Leibnitz konnten nicht, wenigstens nicht ohne ganz andere Menschen zu sein, deutsch und holländisch philosophiren” (Schleiermacher, 1838: 234).

“Grotius e Leibnitz não podiam filosofar em alemão e em holandês, pelo menos não sem ser pessoas diferentes do que o foram”.

Eu retorno à obscuridade, mencionada anteriormente, sobre o dualismo na teoria de tradução de Schleiermacher. Numa passagem posterior, o autor sintetiza ambos os métodos da seguinte maneira:

“Denn ein ganz anderes ist, den Einfluß, den ein Mann auf seine Sprache ausgeübt hat, richtig auffassen und irgend wie darstellen, und wieder ein ganz anderes, wissen wollen, wie seine Gedanken und ihr Ausdruck sich würden gewendet haben, wenn er gewohnt gewesen wäre ursprünglich in einer andern Sprache zu denken und sich auszudrücken!” (Schleiermacher, 1838: 232-233).

“Um coisa é compreender corretamente e representar a influência, que um homem exerceu em sua língua, e outra, já bem diferente, é querer saber como os pensamentos (desse homem) e a expressão desses seriam alterados, se ele tivesse originalmente se acostumado a pensar e a se expressar numa outra língua!”

Essa foi a paráfrase dos dois modelos discutidos. Schleiermacher não apenas dirime dúvidas quanto à sua preferência, como também se compromete e o faz na forma da seguinte questão retórica:

“Wer überzeugt ist daß wesentlich und innerlich Gedanke und Ausdruck ganz dasselbe sind, und auf dieser Ueberzeugung beruht doch die ganze Kunst alles Verstehens der Rede, und also auch alles Uebersetzens, kann der einen Menschen von seiner angeborenen Sprache trennen wollen, und meinen, es könne ein Mensch, oder auch nur eine Gedankenreihe eines Menschen, eine und dieselbe werden in zwei Sprachen?” (Schleiermacher, 1838: 233).

“Quem está convencido de que pensamento e expressão são a mesma coisa - e nessa convicção se baseia toda a arte de compreensão do discurso e também de todo traduzir -, pode, esse, querer separar um homem da sua língua materna e achar que um homem, ou somente uma linha de pensamentos de um homem, pode se tornar um e o mesmo em duas línguas diferentes?”

Essa idéia é essencial para a reflexão lingüística dos românticos. Ela foi tão presente, que Wilhelm von Humboldt se permitiu uma observação entre parênteses com relação ao assunto (fato bastante raro em Humboldt):

“(…) so wie man wohl sonst sagen hörte, dass der Uebersetzer schreiben müsse, wie der Originalverfasser in der Sprache des Uebersetzers geschrieben haben würde (ein Gedanke, bei dem man nicht überlegte, dass, wenn man nicht bloss von Wissenschaften und Thatsachen redet, kein Schriftsteller dasselbe und auf dieselbe Weise in einer andern Sprache geschrieben haben würde)” (Humboldt, 1909: 133).

“(…) assim como se ouve dizer, que o tradutor precisa escrever, como o autor original teria escrito na língua do tradutor (a respeito disso, nunca consideramos que, se não nos referimos apenas a ciências e fatos, nenhum escritor teria escrito o mesmo e da mesma maneira num outro idioma)”.

O pensar e também a produção intelectual-literária são de tal forma impregnados e associados à cada língua, que já é absurda a própria idéia de que um autor teria pensado exatamente assim num outro idioma, só teria concebido o produto numa outra forma lingüística. Schleiermacher não chama essa idéia de “absurda”, porém - não menos peremptório - “inatingível (...) nula e vazia” (p. 233). Nesse ponto a dissertação de teoria da tradução de

Schleiermacher torna-se um importante manifesto de teoria epistemológica. Vale a pena citar todo o trecho:

“Ja man kann sagen, das Ziel, so zu übersezen wie der Verfasser in der Sprache der Uebersezung selbst würde ursprünglich geschrieben haben, ist nicht nur unerreichbar, sondern es ist auch in sich nichtig und leer; denn wer die bildende Kraft der Sprache, wie sie eins ist mit der Eigenthümlichkeit des Volkes, anerkennt, der muß auch gestehen daß jedem ausgezeichnetsten am meisten sein ganzes Wissen, und auch die Möglichkeit es darzustellen, mit der Sprache und durch sie angebildet ist, und daß also niemanden seine Sprache nur mechanisch und äußerlich gleichsam in Riemen anhängt” (Schleiermacher, 1838: 233).

“Pode-se dizer que a meta de traduzir assim como o próprio autor original teria escrito na língua alvo não apenas é inatingível, como também nula e vazia em si: pois quem reconhece que a força criadora da língua é una com a singularidade do povo, precisa admitir que, com relação a cada povo, o conhecimento e também a possibilidade de representá-lo são formados com a língua e através dela e que, então, ninguém pode colocá-la nos trilhos de maneira meramente mecânica e superficial (...)”.

John Milton (1933: 58) relaciona ambos os citados métodos de Schleiermacher à diferenciação entre “interpretação” e “tradução”. Mas, interpretação e tradução não são de maneira alguma os métodos, mas sim dois contextos diferentes, dois “ramos (...) com fronteiras imprecisas”/ “zwei (...) Gebiete (...) mit verwaschenen Grenzen” (Schleiermacher, 1838: 209): interpretação “no âmbito do mundo dos negócios”/ “in dem Gebiete des Geschäftslebens” (p. 209), tradução “no âmbito da ciência e das artes”/ “in dem Gebiete der Wissenschaft und Kunst” (p. 209). Essa diferenciação básica é somente o ponto de partida na

argumentação de Schleiermacher. Na exposição que ele faz em seguida, trata-se quase que exclusivamente de tradução, ou seja, da transposição de textos artísticos. E, para isso, segundo Schleiermacher, apresentam-se no início os mencionados métodos.

A representação da teoria de Schleiermacher feita por Milton é concisa demais para ser correta. A citação de Schleiermacher que Milton inclui no seu texto, por exemplo, refere-se não mais à dicotomia entre traduzir e interpretar, mas é uma alegoria, através da qual ele rejeita o segundo método:

“Quem não prefere gerar crianças que são a semelhança perfeita de seus pais, e não bastardos? Quem vai obrigar-se a si mesmo a se apresentar fazendo uso de movimentos menos leves e elegantes de que se é capaz, para parecer bruto e tenso, pelo menos às vezes, para chocar o leitor tanto quanto é necessário para mantê-lo consciente do que faz?” (Milton, 1993: 58).

Lido isoladamente, esse trecho com certeza será mal-entendido. Só o contexto proporciona uma compreensão adequada, nesse caso. Antes da citação ele fala da “suprema degradação”/ “der wunderbarste Stand der Erniedrigung” (Schleiermacher, 1838: 227), em seguida se refere às “renúncias que aquele tradutor necessariamente tem que fazer”/ “die Entsagungen die jener Uebersetzer nothwendig übernehmen muß” (p. 227). O maior desafio que o tradutor precisa vencer é então, nem tanto técnico mas sim quase que de caráter. Ele precisa ser capaz de conter sua competência; ele não deve almejar o texto sem arestas e perfeito mas uma tradução na qual se perceba que o original foi escrito numa outra língua. Schleiermacher quer o bastardo! Ele reivindica que o tradutor renuncie à perfeição da obra-alvo o que faria perder de vista o original.

A leitura do Milton torna se ainda mais incompreensível quando se lê as últimas páginas de Schleiermacher. Schleiermacher faz várias referências explícitas, por exemplo:



“Dies scheint in der That der wahre geschichtliche Zweck des Uebersezens im großen, wie es bei uns nun einheimisch ist. Für dieses aber ist nur die Eine Methode anwendbar, die wir zuerst betrachtet haben” (Schleiermacher, 1838: 243-244).

“De fato isso parece ser a finalidade histórica do traduzir comum entre nós. Para isso porém só um método é aplicável, aquele que nos estudamos primeiramente”.

Outras passagens remetem ao primeiro método como o único pertinente, como aquele, que deixa “transparecer, antes de mais nada, a suprema leveza e a naturalidade do original”/“die größere Leichtigkeit und Natürlichkeit des Originals durchleuchten (...) lassen” (p. 241) - eis aqui a finalidade mais importante da tradução. Por exemplo:

“Wenn es nicht möglich ist etwas der Uebersezung, sofern sie Kunst ist, würdiges und zugleich bedürftiges ursprünglich in einer fremden Sprache zu schreiben, oder wenn dies wenigstens eine seltene und wunderbare Ausnahme ist: so kann man auch die Regel nicht aufstellen für die Uebersezung, sie solle denken wie der Verfasser selbst eben dieses in der Sprache des Uebersezers würde geschrieben haben; (...) Ja, was mag man einwenden, wenn ein Uebersezer dem Leser sagt, Hier bringe ich dir das Buch, wie der Mann es würde geschrieben haben, wenn er es deutsch geschrieben hätte; und der Leser ihm antwortet, Ich bin dir eben so verbunden, als ob du mir des Mannes Bild gebracht hättest, wie er aussehen würde, wenn seine Mutter ihn mit einem andern Vater erzeugt hätte?” (Schleiermacher, 1838: 238-239).

“Se não é possível escrever o texto original numa língua estrangeira, texto que mereça e ao mesmo tempo precise de uma tradução, ou quando isso no mínimo é uma exceção rara e maravilhosa: assim não se pode estabelecer a regra para a

tradução segundo a qual ela deve expressar o mesmo que o próprio autor teria escrito na língua do tradutor; (...) ao que alguém poderia replicar que, quando um tradutor diz ao leitor: Olhe, entrego-lhe o livro, como o autor o teria escrito, se ele o tivesse escrito em alemão; e o leitor respondesse ao tradutor: Eu lhe sou grato, como se você tivesse me trazido um retrato do homem, na aparência que ele teria, caso a mãe o tivesse concebido com um outro pai?”

A necessidade de conservar o estranho do original na tradução é encontrada em toda teoria da tradução, por exemplo em Wilhelm von Humboldt, na distinção que ele faz entre “o estranho”/ “das Fremde” e “a estranheza”/ “die Fremdheit” (Humboldt, 1909: 133). E raras vezes esse aspecto foi tratado tão diretamente como no diálogo fictício “Die Kunst zwischen den Stühlen” (A Arte entre as Cadeiras) de Janheinz Jahn :

“(...) eine Übersetzung soll doch vor allem ein Fenster aufstoßen, soll uns fremde Wesensart nahebringen. Sonst könnten wir ja unsere Verse selber machen” (Jahn, 1956: 430).

“...uma tradução deve, antes de mais nada, nos abrir um caminho novo, deve nos aproximar de modos de ser diferentes. Se não, nós mesmos poderíamos fazer nossos versos”.

O paradoxo da tradução também é tratado por Jahn de uma maneira que nos deixa pensar em Schleiermacher. Citarei uma passagem de um texto pequeno e pouco conhecido que, contudo, pode esclarecer o trabalho de Schleiermacher, que é muito mais abrangente e conhecido:

“Eine Übersetzung, die *alle* Qualitäten des Originals bewahrt, und der man außerdem die Übersetzung nicht anmerkt, ist unmöglich. Sie könnte nur möglich sein, wenn die Sprachen

keine Unterschiede, also auch keine Seele hätten. Dann gäbe es aber wahrscheinlich auch keine Kunstwerke, die man übersetzen könnte. Die Möglichkeit der Übersetzung macht also ihre Vollendung unmöglich. Und in der Unmöglichkeit vollendeter Übersetzungen liegen die Möglichkeiten für den Übersetzer” (Jahn, 1956: 430).

“Uma tradução com *todas* as qualidades do original, e na qual não se pode mais perceber a tradução, é impossível. Isso só seria possível, se as línguas não tivessem diferenças, ou seja, alma. Nesse caso, no entanto, não haveria obra de arte a ser traduzida. Então, a possibilidade da tradução torna impossível sua perfeição. E, na impossibilidade de traduções perfeitas estão as possibilidades para o tradutor”.

### Referências Bibliográficas

HERDER, J. G. (1975). *Abhandlung über den Ursprung der Sprache*. Stuttgart: Reclam.

HUMBOLDT, W. v. (1909). *Wilhelm von Humboldts gesammelte Schriften* 1. Abteilung Band 8. Berlin: Behr.

JAHN, J. (1956). *Die Kunst zwischen den Stühlen – Ein Dialog*. In: Akzente 3. Jahrgang 1956, 426-431.

MILTON, J. (1993). *O Poder da Tradução*. São Paulo: Ars Poetica.

MILTON, J. (1998). *O Poder da Tradução*. São Paulo: Martins Fontes.

SCHLEIERMACHER, F. (1838). *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*. In: Friedrich Schleiermacher's sämtliche Werke, Dritte Abtheilung: Zur Philosophie, Zweiter Band. Berlin: Reimer.